

Um Sonho Realizado

A piada fora inventada por Blanes; vinha ao meu escritório — nos tempos em que eu tinha escritório, e ao café quando as coisas iam mal e deixara de o ter — e, parado em cima da alcatifa, com um punho apoiado na secretária, com a sua gravata de lindas cores presa à camisa por um alfinete de ouro e com aquela cabeça — quadrada, barbeada, de olhos escuros que não podiam manter-se atentos mais de um minuto e se distendiam logo, como se Blanes estivesse prestes a adormecer ou estivesse a lembrar-se de algum momento limpo e sentimental da sua vida, coisa que, evidentemente, não pudera ter —, com aquela cabeça sem uma única partícula supérflua erguida contra a parede coberta de retratos e cartazes, deixava-me falar e comentava arredondando a boca: — Porque você, naturalmente, arruinou-se fazendo o *Hamlet*. Ou também: — Sim, já sabemos. Sacrificou-se sempre pela arte e, se não fosse a loucura do seu amor pelo *Hamlet*...

Eu passei toda aquela quantidade de anos aguentando tanta gente miserável, autores e actores e actrizes e donos de teatros e críticos de jornais mais a família, os amigos e os amantes de todos eles, todo aquele tempo perdendo e ganhando um dinheiro que Deus e eu sabíamos que teria que tornar a perder na temporada seguinte, com aquela gota de água na cabeça nua, aquele punho nas costelas, aquele travo agridoce, aquele fingimento totalmente incompreendido por Blanes:

— Pois claro. As loucuras a que o levou o seu desmedido amor pelo *Hamlet*...

Se da primeira vez lhe tivesse perguntado pelo sentido daquilo, se lhe tivesse confessado que sabia tanto do *Hamlet* como do dinheiro que uma comédia pode render desde a primeira leitura, teria acabado

com a brincadeira. Mas tive medo da quantidade de piadas por nascer que a minha pergunta faria saltar, e fiz apenas uma careta e mandei-o passear. E assim foi possível viver vinte anos sem saber o que era o *Hamlet*, sem o ter lido, mas sabendo, pela intenção que via na cara e pelo abanar de cabeça de Blanes, que o *Hamlet* era arte, a arte pura, a grande arte, e sabendo também, porque me fui embebendo daquilo sem dar por isso, que era também um actor ou uma actriz, neste caso sempre uma actriz com umas ancas ridículas, vestida de preto com roupas justas, uma caveira, um cemitério, um duelo, uma vingança, uma rapariguinha que se afoga. E também William Shakespeare.

Por isso, agora, só agora, com uma peruca loira de risca ao meio que prefiro não tirar para dormir, uma dentadura que nunca conseguiu assentar-me bem e que me faz assobiar e falar com mimo, só agora que encontrei na biblioteca deste asilo para gente de teatro arruinada a que dão um nome mais apresentável aquele livro tão pequeno, encadernado a azul escuro, onde havia umas corroídas letras douradas que diziam *Hamlet*, me sentei num cadeirão sem abrir o livro, decidido a não abrir nunca o livro e a não ler uma única linha pensando em Blanes, assim me vingando da sua piada, e pensando na noite em que Blanes se foi encontrar comigo no hotel de uma capital de província qualquer e, depois de me deixar falar, fumando e olhando para o tecto e para as pessoas que entravam no salão, estendeu os lábios para me dizer diante da pobre louca:

— E pensar... Um tipo como você que se arruinou por causa do *Hamlet*.

Eu tinha-o chamado ao hotel para que o encarregar de uma personagem numa curta insignificância que se chamava, salvo erro, *Sonho Realizado*. Na distribuição daquela loucura havia um galã sem nome, e esse galã só podia ser representado por Blanes porque, quando a mulher veio ter comigo, já só lá estávamos ele e eu; o resto da companhia conseguira escapar para Buenos Aires.

A mulher passara pelo hotel ao meio-dia e, como eu estava a dormir, voltou à hora que, para ela e para toda a gente naquela província quente, era a do fim da sesta e em que eu estava no lugar mais fresco da casa de jantar comendo um escalope à milanesa redondo e bebendo um vinho branco, a única coisa boa que ali se podia ingerir. Não vou dizer que ao primeiro olhar — quando ela se deteve no halo de calor da porta de cortina, dilatando os olhos na sombra da casa de jantar, e o criado lhe apontou a minha mesa, e quando logo começou a

andar em linha recta na minha direcção com remoinhos de galinheira — adivinhei o que havia dentro daquela mulher, nem aquela espécie de fita mole e fofa de loucura que fora desenvolvendo e arrancando com suaves puxões, como se fosse um penso pegado a uma ferida, aos seus anos passados, solitários, para vir enrolar-me com ela, como a uma múmia, a mim e a alguns dos dias passados naquele lugar entediante, tão oprimido de gente gorda e mal vestida. Mas a verdade é que havia qualquer coisa no sorriso da mulher que me punha nervoso, e era-me impossível demorar os olhos nos seus dentinhos irregulares exibidos como os de uma criança a dormir e a respirar de boca aberta. Tinha o cabelo quase grisalho penteado em tranças enroscadas e a roupa remetia para uma velha moda; mas não era a que uma senhora teria usado nos tempos em que fora inventada, mas sim, mais uma coisa que teria vestido então uma adolescente. Tinha uma saia até aos sapatos, daqueles a que chamam botas ou botinas, comprida escura, que se ia abrindo quando caminhava e que encolhia e tornava a tremer no passo seguinte. A blusa tinha rendas e era justa, com um grande camafeu no meio dos seios aguçados de rapariga, e a blusa e a saia uniam-se e dividiam-se através de uma rosa na cintura, talvez artificial agora que penso, uma flor de corola grande e cabeça baixa, com o caule eriçado a ameaçar o estômago.

A mulher teria à roda de cinquenta anos e o que nela não se podia esquecer, o que agora sinto quando a recordo a caminhar direita a mim na casa de jantar do hotel, era aquele ar de menininha de outro século que tivesse ficado adormecida e tivesse despertado agora um pouco despenteada, só um pouco envelhecida, mas prestes a chegar à sua idade a todo o momento, de repente, e ali se quebrar em silêncio, desmoronando-se roída pelo trabalho sigiloso dos dias. E o sorriso era mau de se ver, porque levava a pensar que, perante a ignorância que a mulher revelava do perigo de envelhecimento e de morte repentina de que se abeirava, aquele sorriso sabia ou, pelo menos, os dentinhos à mostra pressentiam o repugnante fracasso que os ameaçava.

Tudo isto estava agora de pé na penumbra da casa de jantar: coloquei desajeitadamente os talheres ao lado do prato e levantei-me. «O senhor é o senhor Langman, o empresário do teatro?» Inclinei a cabeça sorrindo e convidei-a a sentar-se. Não quis tomar nada; separados pela mesa, olhei-lhe disfarçadamente a boca com a sua forma intacta e com a sua pouca pintura, ali justamente no centro onde a voz, um pouco espanhola, cantara baixo ao deslizar por entre os fios irre-

gulares da dentadura. Dos olhos, pequenos e quietos, que se esforçavam por se fazer maiores, não consegui tirar nada. Teria que esperar que falasse e, pensei eu, qualquer forma de mulher e de existência que as suas palavras evocassem iriam harmonizar-se bem com o seu curioso aspecto, e o curioso aspecto iria desvanecer-se.

— Queria falar consigo por causa de um espectáculo. Quero dizer que tenho uma obra de teatro.

Tudo indicava que ia continuar, mas deteve-se e esperou pela minha resposta; passou-me a palavra com um silêncio irresistível, sorrindo. Estava tranquila, de mãos cruzadas na saia. Afastei o prato com o escalope à milanesa meio comido e pedi café. Ofereci-lhe cigarros e ela abanou a cabeça e alargou um pouco o sorriso, o que queria dizer que não fumava. Acendi o meu e comecei a falar com ela, procurando mandá-la embora sem violências, mas rapidamente e para sempre, embora com um estilo cauteloso que me era imposto não sei por quê.

— Minha senhora, é mesmo uma pena... A senhora nunca se estreou, não é? Naturalmente. E como se chama a sua peça?

— Não, não tem nome — respondeu ela. — É tão difícil de explicar... Não é o que o senhor pensa. É claro que se lhe pode pôr um título. Pode chamar-se-lhe *O Sonho*, *O Sonho Realizado*, *Um Sonho Realizado*.

Compreendi, já sem dúvidas, que ela estava louca, e senti-me mais à vontade.

— Bem. *Um Sonho Realizado*, o nome não está mal. Sempre tive interesse, digamos que pessoal, desinteressado noutra sentido, em ajudar os que começam. Dar novos valores ao teatro nacional. Embora não precise de lhe dizer, minha senhora, que o que se colhe não são agradecimentos. Há muitos que me devem a mim o primeiro passo, muitos, minha senhora, que hoje cobram direitos incríveis na Rua Corrientes e que arrecadam os prémios anuais. Já não se lembram de quando vinham ter comigo quase de joelhos...

Até o criado da casa de jantar podia compreender, lá do canto junto do frigorífico onde sacudia as moscas e o calor com o guardanapo, que aquele bicho raro não dava importância sequer a uma sílaba do que eu estava a dizer. Lancei-lhe um último olhar com um só olho cá da xícara de café e disse:

— Enfim, minha senhora. Deve saber que a temporada aqui foi um fracasso. Tivemos que interrompê-la e eu fiquei apenas por causa de

uns assuntos pessoais. Mas já na semana que vem também eu irei para Buenos Aires. Enganei-me mais uma vez, que se há-de fazer. Este meio não está preparado, e apesar de me ter resignado a fazer uma temporada com pecinhas populares e coisas assim..., bem vê o que me aconteceu. De modo que... Mas há uma coisa que podemos fazer, minha senhora. Se me puder emprestar uma cópia da sua peça eu verei se em Buenos Aires... São três actos?

Teve que responder, mas apenas porque eu, devolvendo-lhe o jogo, me calei e ficara inclinado para ela, esfregando a ponta do cigarro no cinzeiro. Pestanejou:

— O quê?

— A sua peça, minha senhora. *Um Sonho Realizado*. Três actos?

— Não, não são actos.

— Ou quadros. Está agora a espalhar-se o costume de...

— Não tenho nenhuma cópia. Não é uma coisa que eu tenha escrito — continuava ela a dizer-me. Era o momento de fugir.

— Eu deixo-lhe a minha direcção de Buenos Aires e quando a tiver escrito...

Notei que se ia encolhendo, curvando o corpo; mas a cabeça ergueu-se com o sorriso fixo. Esperei com a certeza de que se ia embora; mas, passado um instante, fez um movimento com a mão diante da cara e continuou a falar.

— Não, é tudo diferente do que está a pensar. É um momento, uma cena, pode-se dizer, e não se passa nada, como se nós representássemos essa cena na casa de jantar e eu me fosse embora e não se passasse mais nada. Não — respondeu —, não é uma questão de argumento, há algumas pessoas numa rua, e as casas, e dois automóveis que passam. Estou lá eu e um homem e uma mulher qualquer que sai de uma loja em frente e lhe dá um copo de cerveja. Não há mais pessoas além de nós os três. O homem atravessa a rua até ao sítio onde sai a mulher da sua porta com a caneca de cerveja e depois torna a atravessar e senta-se junto da mesma mesa, perto de mim, onde estava a princípio.

Calou-se um momento e o sorriso já não era para mim nem para o armário com toalhas e guardanapos entreaberto na parede da casa de jantar; depois concluiu:

— Compreende?

Consegui escapar porque me lembrei do teatro intimista e falei-lhe disso e da impossibilidade de fazer arte pura nestes meios e que nin-